



# 100 ANOS

## A Construção do Brasil Urbano

NÚMERO 41 - JANEIRO / MARÇO 2000

Trimestral 3.000\$00 / 15€ (IVA INCLUIDO) - Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses



## DIRECTOR

Joaquim Romero Magalhães

## DIRECTOR-ADJUNTO

Rui Mateus Pereira

## COORDENAÇÃO EDITORIAL

Walter Rossa

## DIRECÇÃO GRÁFICA

TVM designers (Luís Moreira)

## COLABORAM NESTE NÚMERO

António Correia e Silva  
 Beatriz Siqueira Bueno  
 Cláudia Damasceno Fonseca  
 Cristovão Fernandes Duarte  
 Helder Carita  
 José Luiz Mota Menezes  
 José Pessoa  
 Luiz Fernando Rhoden  
 Margarida Tavares da Conceição  
 Nestor Goulart Reis  
 Nuno Portas  
 Paulo Varela Gomes  
 Romeu Duarte Júnior  
 Rui Carita  
 Walter Rossa

## EDITORES

Henrique Viana  
 Joana Amaral  
 Maria João Camacho

## FOTOGRAFIA

Laura Castro Caldas e Paulo Cintra  
 Arquivo CNCDP  
 Cândida M. Vuolo e Maria Helena S. Vilar  
 Domingos Linheiro, Edmundo Dansot,  
 Gentil Barreira, João Rato, Maurício Albano  
 Paulo Henriques Camargo Batista

## REVISÃO E COPYDESK

Maria Carlos Gil Loureiro

## ASSINATURAS

Elisa Camarão

## MARKETING E PUBLICIDADE

Teresa Santos

## TRATAMENTO DE TEXTO

Cristina Pereira Coutinho

## SELECÇÃO DE COR E MONTAGEM

Policor

## IMPRESSÃO

Gráfica Maiadouro

## REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Jardim do Tabaco, 23  
 1100-286 LISBOA  
 Telefone 21 881 09 79 Fax 21 888 10 23  
 e-mail: oceanos@mail.telepac.pt

## TIRAGEM DESTE NÚMERO

10 000 exemplares

## DEPÓSITO LEGAL

2747/98

## DISTRIBUIÇÃO

Bertrand

Oceanos é editada pela Comissão Nacional  
 para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.  
 Trimestral.  
 Assinatura Anual  
 Portugal 6.500\$00 (32,5 €)  
 Brasil e PALOP 8.000\$00 (40 €)  
 Resto do Mundo 12.000\$00 (60 €)

© Comissão Nacional para as Comemorações  
 dos Descobrimentos Portugueses

Uma versão condensada deste número da Oceanos  
 está disponível na INTERNET no endereço:

<http://www.cncdp.pt/oceanos/>

Realização: Tinta Invisível, Edições Digitais, Lda.



Walter Rossa



Margarida Tavares da Conceição



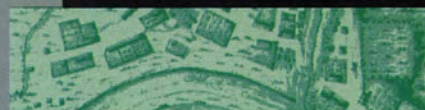
Beatriz Siqueira Bueno



Nestor Goulart Reis



José Pessoa



Cláudia Damasceno Fonseca



Romeu Duarte Júnior



Luiz Fernando Rhoden



José Luiz Mota Menezes



Cristovão Fernandes Duarte



Nuno Portas



Rui Carita e Helder Carita



António Correia e Silva



Paulo Varela Gomes &amp; Walter Rossa

## CAPA

«Villa Nova da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção da Capitania do Ceará Grande», c. 1730. Lisboa, Arquivo Histórico Ultramarino (Cartografia Manuscrita, 848).

## CORTINA, pág. 6

[Pormenor de] «Prospecto de Villa Boa tomada da parte norte para sul no anno de 1751», anónimo. Penalva do Castelo, Casa da Insua (CI-42).



No primeiro dos elementos. Dados para uma leitura sintética do Urbanismo e da Urbanística Portugueses da Idade Moderna	8
A Praça da Guerra. Aprendizagens entre a Aula do Paço e a Aula de Fortificação	24
Desenho e desígnio – o Brasil dos engenheiros militares	40
As principais cidades e vilas do Brasil – importância da vida urbana colonial	60
Em tudo semelhante, em nada parecido. Modelos e modos de urbanização na América Portuguesa	70
Agentes e contextos das intervenções urbanísticas nas Minas Gerais do século XVIII	84
Ceará no século XVIII: Icó, Aracati e Sobral	104
A formação da rede urbana do sul do Brasil nos séculos XVII e XVIII	120
Olinda e o Recife: 1537-1630	136
São Luís e Belém: marcos inaugurais da conquista da Amazônia no período filipino	152
Os tempos das formas nas cidades lusas do Brasil	162
Modelos, instituições e personagens. A urbanização do espaço atlântico nos séculos XV e XVI	174
A construção do Atlântico e as cidades-porto cabo-verdianas	192
O primeiro território. Bombaim e os Portugueses	210





# O primeiro território Bombaim e os Portugueses

A Província do Norte do Estado da Índia Portuguesa, para além do maior território português no Oriente, foi o primeiro caso de domínio e exploração territorial da expansão. Em sentido estrito foi assim a primeira colónia do Império.

Esta realidade, pouco divulgada mas de há muito conhecida entre os especialistas, acaba por estar completamente omissa na própria consciência histórica daquilo que já então era o centro do seu pulsar urbano: o espaço correspondente à actual área metropolitana de Bombaim.

Por entre a esmagadora materialidade do que é hoje uma das maiores concentrações populacionais do planeta, subsistem vestígios devolutos ou em uso daquilo que foi o ordenamento territorial e urbanístico desse território, ou seja, a estrutura sobre a qual os Ingleses operaram após a recepção em 1661 da ilha da «boa vida».



**Paulo Varela Gomes & Walter Rossa**

Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra



De todas as cidades da Índia, Bombaim é a mais moderna. Dissipa o seu passado com uma voracidade imparável. Salman Rushdie conta algures que os bombaítas respondem sempre a quem lhes pergunta a idade de uma casa ou sítio da cidade:

- It's very old.
- How old? – insiste o inquiridor curioso.
- Very old. It's from the old days.

De facto, em Bombaim é difícil prestar atenção a outra coisa que não seja o presente. A atmosfera está carregada de fumo e agitação, as ruas frenéticas de trânsito, pessoas e animais. Mas quem subir cuidadosamente a antiga Deslile Road que sai da área do Forte para Mahim e o norte, encontrará do lado esquerdo da rua, na área de Mazagaon, uma porta de pedra de aspecto setecentista. Sobre o entablamento compósito pousam duas volutas a sustentar um plinto. A porta está velha de monções, coberta de líquenes e manchas de humidade. Dá acesso a um pátio estreito e sombrio, onde se divisam *scooters* e lixo. À direita há um prédio de sobrado com vestígios de pilastras de cunhal.

Com dificuldade, vê-se na face do plinto sobre a porta uma caderna de crescentes comidos pela água e o tempo. O viajante tira uma fotografia, toma nota e segue caminho.



Portal da Casa dos Souseas em Mazagaon (Novembro de 1999)

John Burnell foi um jovem empregado da Companhia das Índias inglesa que esteve em Bombaim na primeira década do século XVIII. Escreveu um relato daquilo que viu. A páginas tantas, mencionou uma visita à aldeia de Mazagaon, hoje em pleno centro da cidade. Decorria uma procissão no povoado habitado maioritariamente por católicos. Burnell foi convidado a entrar numa das casas, a maior, a casa nobre da aldeia. À entrada do pátio havia um portal com as armas da família. No andar nobre, pinturas *after the Portuguese manner*. A casa pertencia à família mais importante de Mazagaon cuja história pode ser traçada continuamente de 1548 a 1767, pelo menos: eram os Sousa. As suas armas são uma caderna de crescentes.

A área metropolitana de Bombaim (Mumbai) é habitada hoje por quase 20 milhões de pessoas. Estende-se de Colaba e Cuffe Parade, a sul, até lá acima ao rio que corre frente a Baçaim (Vasai) e para leste até ao outro lado da baía onde está a antiga ilha de Caranjá, hoje Uran. É a área metropolitana mais importante da Índia, tanto do ponto de vista económico como cultural. Centro da finança, do comércio internacional, do cinema, do teatro, da música popular, Bombaim é uma das cidades de crescimento mais rápido da Ásia. Dela se pode dizer que é um dos sítios do mundo onde mais depressa *tudo o que é sólido se dissolve no ar*.

Nos anos recentes, porém, a classe média ilustrada de Bombaim começou a interessar-se por registar sistematicamente os traços do passado da cidade. Não tem encontrado muito que registar. Sem uma história medieval muito interessante, Bombaim só foi cidade digna de tal designação nos séculos XIX e XX com os ingleses e a Índia independente. É talvez por isso que todas as histórias da cidade publicadas nos últimos anos começam em 1661 quando Portugal cedeu à Inglaterra uma pequena parte da actual *Greater Mumbai*, a ilha de Bombaim propriamente dita, como dote da princesa Dona Catarina de Bragança, filha de D. João IV, por ocasião do seu casamento com Carlos II Stuart.

A Bombaim de que contam a história é a Bombaim comercial e inglesa do vertiginoso progresso moderno.

Mas Bombaim é mais antiga do que isso. Até talvez como cidade. Grande parte do seu território foi português durante duzentos anos continuados, entre cerca de 1540 e cerca de 1740.

Todavia, a questão interessante não é a dos vestígios arquitectónicos e outros deixados por esse passado português, assunto pitoresco mas sem grandes consequências. Trata-se antes de determinar a importância de outros vestígios — invisíveis mas decisivos: os traços do território propriamente dito da actual *Greater Mumbai*. Que contribuição deram os portugueses para o seu ordenamento? Que sobrevive dessa estrutura de ocupação e pré-ordenamento antigo?

## O espaço e o tempo

A antiga Província do Norte do Estado da Índia, com capital em Baçaim e dividida entre os distritos desta cidade e de Damão, foi a maior área com dimensão territorial dominada pelos portugueses fora da Europa, com excepção do Brasil, e cronologicamente a primeira. Attingiu a sua maior extensão no final do século XVI e permaneceu sensivelmente igual até ao século XVIII. Estendia-se ao longo de cerca de 220 km pela costa dos actuais estados indianos de Maharashtra e Gujarat, limitada a sul pela baía de Bombaim e a norte por um rio algo a norte de Damão. Para o interior atingia por vezes a profundidade de 30 km, nomeadamente nos *passos* nordeste de Asserim e Manorá. Era quatro vezes maior que o território de Goa depois da aquisição das Novas Conquistas em meados do século XVIII.

A Província do Norte foi também o território agrícola mais rico do Oriente português e dos poucos onde se experimentou



uma ocupação territorial efectiva assente no arrendamento de terras e numa rede de povoações, fortes, estacadas e casas senhoriais fortificadas. Este género de ocupação também teve lugar em Goa, primeiro nos territórios de Bardez e Salcete e, depois de meados do século XVIII, nas Novas Conquistas que aumentaram o território goês para mais do dobro. Outro caso foi o de Ceilão, ilha de que os portugueses dominaram cerca de um terço durante um pouco mais de um século, mas sempre numa situação de conflito e de acelerada mudança de implantações territoriais. Neste quadro, a Província do Norte é o mais importante indício de que talvez seja preciso relativizar a ideia que temos do antigo Estado da Índia como uma «rede» sustentada apenas no mar e nas fortalezas costeiras.

A metade sul do distrito de Baçaim, no qual se incluía a actual área metropolitana de Bombaim, era constituída no passado por um vasto arquipélago de cerca de 16 ilhas que já quase desapareceu transformado em terra firme pelo assoreamento natural ou por gigantescos aterros feitos pelo homem. O centro da cidade de Bombaim que hoje conhecemos implantou-se nos séculos XIX e XX sobre as antigas ilhas de Colaba, a sul, de Bombaim/Mazagaon, no centro-leste, de Worli e Mahim no centro-oeste.

A norte da enseada de Mahim, situava-se a maior das ilhas, Salsete, cuja povoação mais importante era Bandra (ou Bandorá, como lhe chamavam os portugueses), hoje um importante subúrbio da grande metrópole. Salsete prolongava-se para norte pela área dos actuais aeroportos até Versová a poente, e Banel (Bhayender) a norte sobre o rio de Vasai. Do outro lado da foz deste rio estava a ilha de Baçaim dominada pela grande praça-forte portuguesa.

Subindo-se a baía de Bombaim de sul para norte, dava-se com a ilha de Trombay e o território de Taná (Thane), a maior povoação da área e centro do território preexistente, hoje uma cidade-satélite de Bombaim. A sudeste estava a ilha que os portugueses chamavam Caranjá (Uran).

A norte da ilha de Baçaim, a povoação portuguesa mais importante deste distrito era Agaçaim (Agashi), protegida ao largo da costa pelo forte da Ilha das Vacas (Arnala) e no interior pela serra fortificada de Asserim.

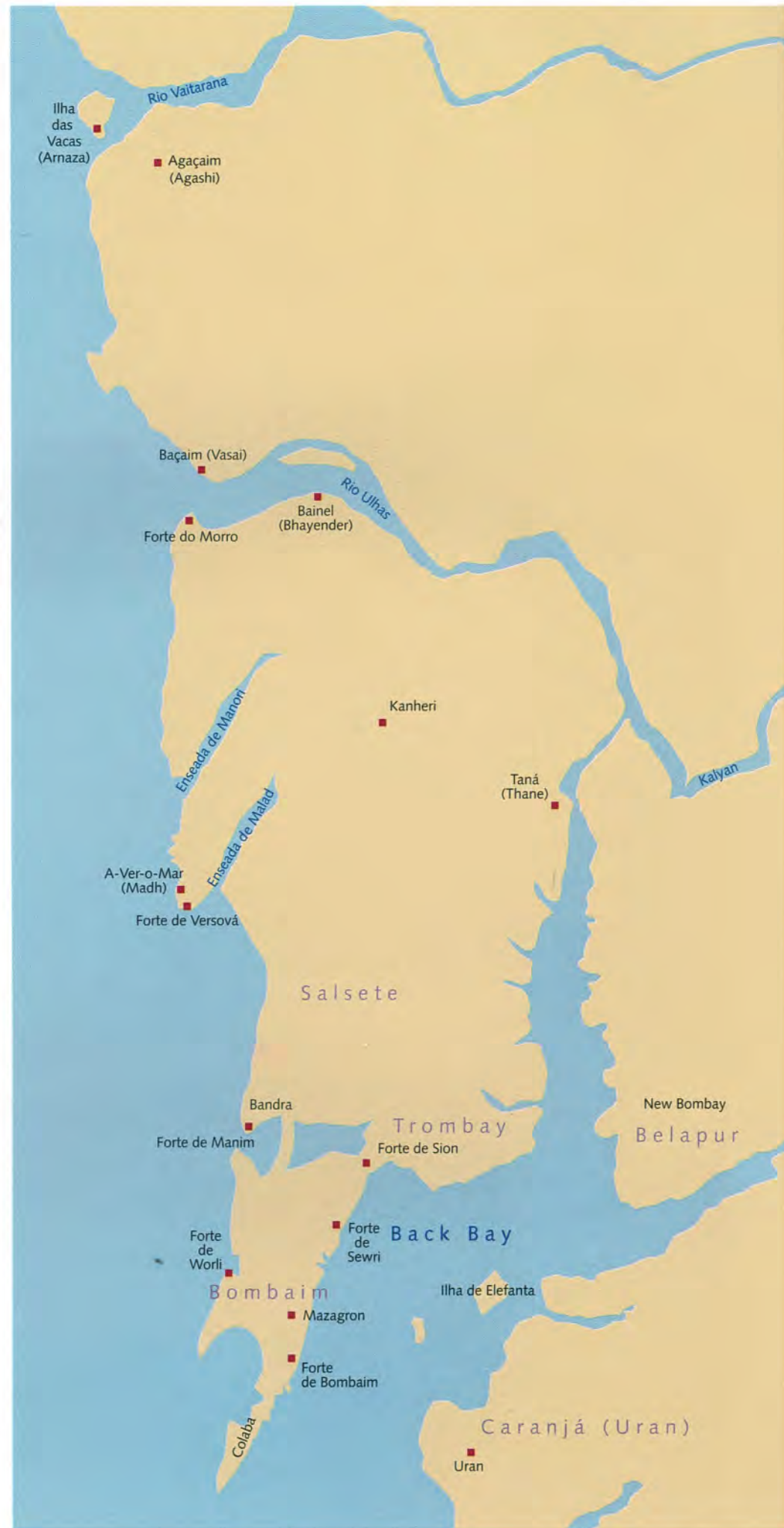
As armadas portuguesas começaram a frequentar com alguma regularidade o sítio mais acolhedor desta costa, a baía de Bombaim, a partir de 1529. Nesse ano Heitor da Silveira derrotou aí uma armada gujerate e obrigou as povoações de Taná, Bandra e Caranjá a pagar tributo. Heitor da Silveira designou Bombaim como a *ilha da boa vida*. O nome de Bombaim, derivado provavelmente da designação religiosa *Mumbaim*, foi atribuído à ilha por João de Barros. A baía era um ponto de apoio importante no caminho entre Chaul, a primeira instalação portuguesa na área, imediatamente a sul, e Diu, do outro lado do golfo de Cambaia.

Com a posse de Baçaim em 1534, teve início a colonização efectiva do território situado a sul: as ilhas de Salsete, Mahim, Bombaim, Caranjá, a cidade e território de Taná. As doações a portugueses de terras na *ilha da boa vida* e nas outras começaram em 1538, data aceitável para marcar o início da dominação portuguesa da área. As anexações de Asserim, a leste de Baçaim, e Manorá, a nordeste (1556), e a conquista de Damão em 1560 consolidaram essa dominação ao longo de toda a costa.

Pouco antes da conquista marata de 1739, habitavam em Baçaim 2000 europeus. A economia prosperava. Mais a sul, em Salsete, milhares de católicos viviam nas suas aldeias à sombra de igrejas. Tudo indica que não foi um território decadente que caiu em poder dos descendentes do grande Shivaji.

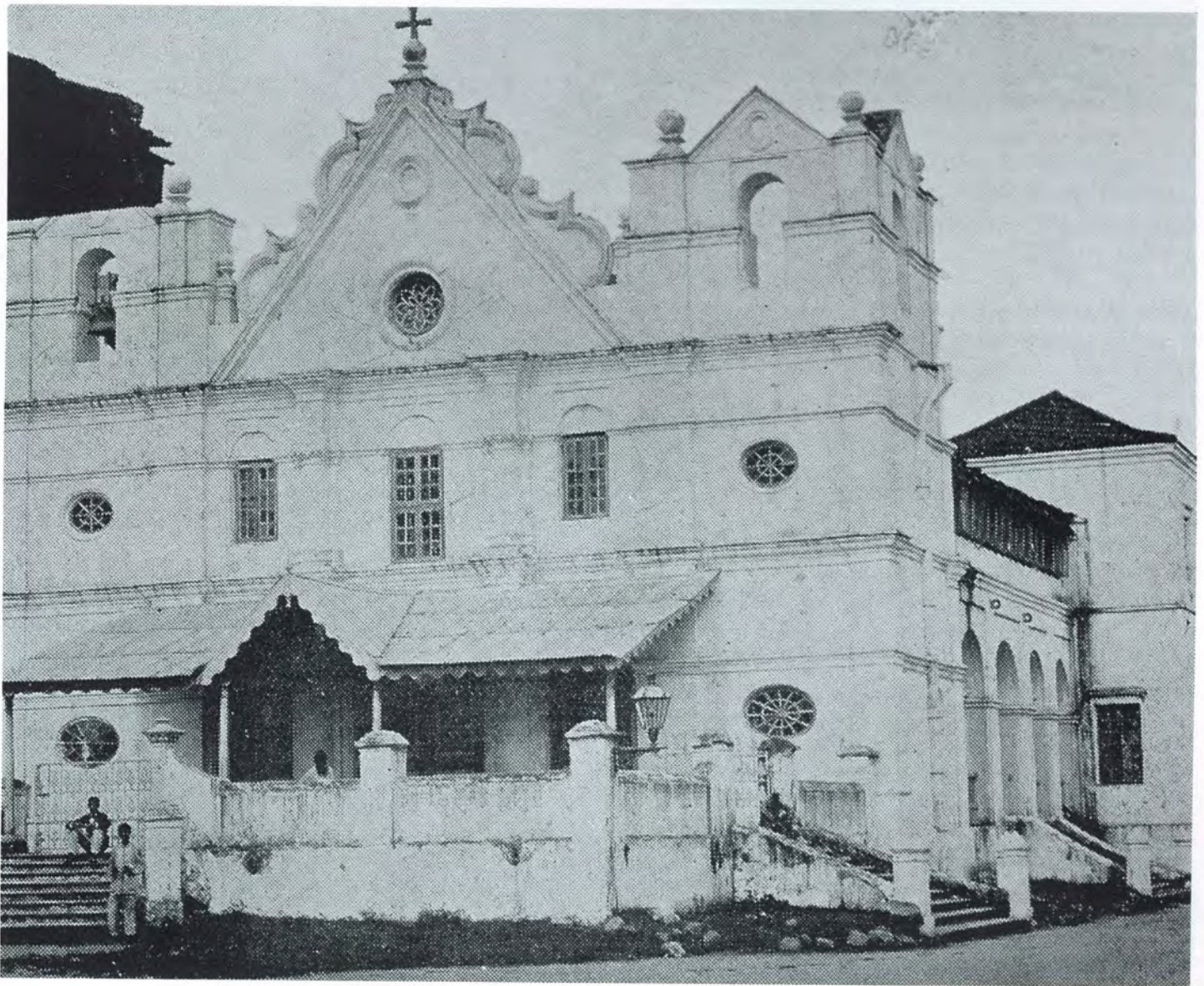
Os maratas tomaram em primeiro lugar Taná, Salsete e as antigas ilhas de Versová e Dharavi (no rio de Mahim), para isola-

rem Baçaim do seu território agrícola a sul. Depois lançaram-se ao assalto da cidade-capital que caiu na sua posse após um duro cerco. Mas a região só esteve em mãos dos maratas por pouco tempo. Na década de 1770, Lisboa e Goa fizeram um esforço real



Mapa esquemático da actual área metropolitana de Bombaim com indicação dos principais núcleos de antiga ocupação portuguesa.





▲▲  
Pormenor, com faixa de território do extremo sul da actual área metropolitana de Bombaim a partir de Branda, do «Mostrador de parte da Costa do Norte da Barra de Bombaim, thè a de Baçaim, em que se comprehende a ilha de Salcete e Costa da Terra firme com várias ilhas adjacentes e seus rios», 1739.

▲  
Igreja de Nossa Senhora da Glória Antiga em 1925.  
Lisboa, Biblioteca Nacional (HG 18977 V, p 33).





para reconquistar a próspera Província do Norte no quadro do grande plano pombalino e pós-pombalino de reordenamento do império brasileiro e oriental. Ao saberem disso, os ingleses anteciparam-se e conquistaram Salsete e Taná em 1774 e Baçaim em 1780, segurando assim toda a área.

Depois fizeram com que Bombaim entrasse para o clube, algo restrito, das maiores cidades do mundo, um destino também reservado para algumas outras fundações urbanas portuguesas, como o Rio e S. Paulo no Brasil.

### O casamento

O tratado de casamento entre Carlos II Stuart e Catarina de Bragança foi celebrado a 23 de Junho de 1661 e a cerimónia realizou-se um ano depois em 31 de Maio de 1662. Em Setembro chegou à baía de Bombaim uma armada inglesa sob o comando do 3º Earl de Malborough, James Ley, levando também a bordo o vice-rei português recém-nomeado, António de Mello e Castro.

No local, Malborough deu-se conta de que o tratado fora assinado por uma parte inglesa que não conhecia a situação realmente existente em Bombaim. Como costuma suceder nestes casos, não haviam sido ouvidos os veteranos ingleses que frequentavam a área desde o início do século — aqueles que haviam chamado a atenção de Londres para a importância potencial da baía — mas sim cortesãos e políticos como Lord Clarendon que, comentando o tratado, referiu a «ilha de Bombaim com as suas cidades e castelos que estão a pouca distância do Brasil...»

Dissipados estes castelos no ar, os ingleses perceberam que a ilha de Bombaim era pouca coisa. Malborough reivindicou

também a posse de Salsete. Mello e Castro partiu para Goa a pretexto de pedir novas instruções a Lisboa.

É que os portugueses da Índia estavam na mesma situação que os seus rivais britânicos: o Terreiro do Paço também escolhia ignorar o que lhe transmitiam do Oriente aqueles para quem Bombaim não devia em caso algum ser cedido. O governador de Baçaim escreveu: «Vejo ser tratado como coisa pouca pelos portugueses o melhor porto que Vossa Majestade possui na Índia, com o qual nem o de Lisboa pode ser comparado. Vejo na ilha de Bombaim muitas almas cristãs que um dia serão forçadas a mudar de religião pelos ingleses». O próprio Mello e Castro escreveu em 1665: «Se acabará a Índia no dia em que a nação inglesa fizer assento em Bombaim».

Malborough voltou à Europa. Mello e Castro ficou em Goa. A pretexto de minudências legais, os portugueses empataram as negociações durante dois anos e meio por entre ameaças e golpes de mão dos ingleses. A situação só se regularizou no início de 1665. Os ingleses ocuparam Bombaim e, pela força, Mahim. Quando compraram Colaba em 1674 ficaram a controlar todo o extremo sul do arquipélago. Imediatamente a norte, do lado de lá da enseada de Mahim, estava o território do distrito de Baçaim, de onde os portugueses não faziam a mais pequena intenção de sair.

John Burnell chamou a Salsete *the Portuguese country*. Durante sessenta anos — até à conquista marata de Baçaim, Salsete e Taná em 1738-39 — ingleses e portugueses olharam uns para os outros através da enseada de Bandra. Escreveu Burnell que sem as provisões mandadas de Salsete os ingleses não teriam sobrevivido. Mas os vizinhos também intrigaram e fomentaram revoltas no território oposto, numa coexistência mais ou menos pacífica a que os maratas vieram pôr fim acabando com o domínio português.





Pormenor, com a faixa de território compreendida entre Taná e Versová, do «Mostrador de parte da Costa do Norte da Barra de Bombaim, thè a de Baçaim, em que se comprehende a ilha de Salcete e Costa da Terra firme com varias ilhas adjacentes e seus rios», 1739.





### «Boa vida»

Quando os portugueses chegaram à área de Baçaim-Bombaim, só existia aí uma povoação de características urbanas: Taná. Tinha sido provavelmente a velha Sthánaka, talvez a capital da dinastia hindu dos Siláharas que dominara a região entre os séculos IX e XII. A eles se deve a construção dos templos de Walkeshwar em Malabar Point, um dos sítios mais pitorescos da Bombaim actual, e parte importante dos templos da famosa ilha do Elefante, no meio da baía. Marco Polo esteve em Taná. Duarte Barbosa descreveu-a imediatamente antes da conquista portuguesa como uma cidade monumental.

A partir dos séculos XII/XIII, a região foi dominada por príncipes de origem gujerate sediados localmente talvez em Mahim, que seria um pequeno povoado de pescadores onde os muçulmanos, que partilharam com os gujerates o controle da costa no século XV, construíram um fortim que viria a ser conquistado pelos portugueses.

Uma cidade, um ou mais pequenos fortes ao longo da costa, povoados orgânicos e dispersos de pescadores (*kolis*), vestígios monumentais de um passado distante: foi isto que os portugueses encontraram na área de Bombaim.

No final do século XVI a situação era já diversa: só na área da actual Bombaim existiam vários caçabés — ou lugares principais —, alguns com alfândega própria: Bombaim, Mahim, Mazagaon, Salsete (cuja povoação principal era Bandra), Taná. Algumas destas povoações encabeçavam circunscrições chamadas praganas. Fora da área de Bombaim também eram cabeça de pragana Baçaim, Agaçaim, Asserim, Caranjá e Belafflor do Sambayo (Belapur-New Bombay).

Estavam referenciadas como importantes as aldeias de Parel (hoje a meio da península de Bombaim), Worli, Sion, Bandra, Caranjá, Vadalá, Trombay e Chembur.

O autor inglês Dr. Fryer, que esteve em Bombaim entre 1672 e 1681, designou por *towns* as povoações de Bombaim, Mahim e Mazagaon e referiu-se também às aldeias (*villages*) de Parel e Sion. O território era inglês há apenas uma década.

Baçaim tinha como papel fundamental o da capitalidade regional no que diz respeito ao governo político-militar e fiscal. Era também ali que funcionavam as sedes de todas as estruturas religiosas existentes no território, pese embora o facto de algumas das casas que essas instituições detinham em outros locais serem de maior importância e dimensão. Igual sucedia no que diz respeito à ocupação populacional e às concomitantes actividades económicas. Pela posição geo-estratégica, Baçaim era uma praça militar, um autêntico «ferrolho» do território.

Fryer descreveu Bombaim como um aglomerado de uma milha de comprimento, construído ao longo da estrada que conduzia a Mazagaon e Mahim. Viviam aí, *confusedly*, portugueses, indianos de várias castas incluindo *kolis*. As casas eram baixas, caiadas e possuíam janelas de carepas. Estavam cobertas de colmo, excepto a alfândega e alguns armazéns que tinham telhado. A povoação terminava num bazar onde existia a igreja e uma *pretty house*. A igreja era uma das quatro que os franciscanos tinham nas ilhas de Bombaim e Mahim: situava-se perto da actual estação de caminho de ferro de VT. Havia outra em Parel, e as igrejas da Salvação e de S. Miguel em Mahim. Esta sobreviveu até hoje como *Portuguese church*, mas é de arquitectura moderna da década de 1960. No início do século XX estava reconstruída em estilo neo-





Igreja de Santo André de Bandra (Novembro de 1999).





-gótico possivelmente muito próximo da forma original de igreja baixa com torre à capela-mor, ladeada de alpendres e com galilé exterior à frente como referiu Burnell elogiando a *large verandah before the portal*.

Quando os ingleses, conjuntamente com os holandeses, atacaram Bombaim em 1626, designaram a povoação como *fort, castle and town*. O *castle* — que seria *both a warehouse, a priory and a fort* — era a *Great House*, a famosa casa «de Garcia da Horta» que ainda existirá no meio da área militar do *Fort*, inacessível a visitantes. As fotografias antigas mostram uma grande construção de sobrado e varandas corridas. Residiram lá depois da cedência aos ingleses tanto o comandante do forte como parte da hierarquia da Companhia da Índias inglesa. Era anteriormente a casa de D. Inês de Miranda, viúva de D. Rodrigo de Monsanto, a *Senhora da Ilha* e a maior proprietária portuguesa de Bombaim. Foi nas suas salas que se assinou em 1665 o acordo que permitiu aos britânicos instalarem-se na povoação.

Os ingleses fizeram as suas casas longe do aglomerado português (que seguia a estrada para norte). Construíram um *green*, casas e depois uma igreja anglicana mais a sul, onde hoje está Horniman Circle. Instalaram o cemitério no adro de uma antiga igreja portuguesa de Colaba, um pouco abaixo do actual hotel Taj.

Burnell descreveu o forte de Bombaim como irregular, com quatro baluartes todos diferentes: era o forte português que crescera à medida das necessidades desde a década de 1540. Foi remodelado pelo engenheiro inglês John Cooper nas décadas de 1670 e 1680.

Mazagaon era uma *great fishing town* dominada pela igreja e a casa dos franciscanos, Nossa Senhora da Glória. Burnell referiu a casa dos Sousa e falou também de uma capela de Nossa Senhora do Monte com a respectiva Via Sacra que, no século XIX, já tinham desaparecido. Descreveu a povoação como tendo três ruas compridas e paralelas, talvez aquelas que ainda atravessam um dos bairros de Bombaim onde se mantém um ambiente católico com casas de sobrado, varandas e telhado.

Em Parel, a igreja era jesuíta. Tinha a invocação de S. Paulo e situava-se onde hoje corre a St. Paul Street. A igreja e a residência jesuítas foram confiscadas pelos ingleses em 1706 no

seguimento de graves conflitos com a Companhia que alimentava, de Bandra, movimentos populares católicos e incursões de feudatários do império Mogol contra o ocupante «herético». Transformada numa casa do governador inglês em 1750, foi alojamento do Príncipe de Gales — o futuro Eduardo VII da visita e do parque lisboetas — numa ocasião em que passou por Bombaim em 1875. Abandonada em 1885, caiu em ruínas e mudou de uso.

Da Taná portuguesa restará a malha de ruas da área central junto do forte e a grande igreja de S. João Baptista que, no início do século XX, ainda tinha uma capela-mor abobadada a caixotões e três grandes altares de talha dourada de estilo «nacional» com coberturas canopias à maneira luso-indiana do norte. As casas, de acordo com Fryer, eram baixas mas telhadas. A cidade foi fortificada no final do século XVI com um fortim quadrado dedicado aos Reis Magos, com baluartes nos cantos, e que ainda existirá como base da actual prisão iniciada pelos ingleses cerca de 1860-70. No início do século XVIII, construiu-se um assinalável complexo de baluartes que estava quase concluído quando a cidade caiu em poder dos maratas.

A enseada cheia de baixios e pantanais que conduzia a Taná vinda da baía de Bombaim, estava completamente aferrolhada por fortes portugueses, pelo menos sete, alguns deles de grandes proporções, situados em ilhotas e baixios e hoje em estado desconhecido para nós. O caminho entre Taná e Kalyan, a povoação mais importante em território não-português, situada a nordeste, estava também vigiado por um grande forte com torre, construído sobre o rio de Galiana ou de Bassein (hoje Ulhas ou Ulhasnagar). No lado nascente da enseada, a aldeia de Colvalé, cujo nome e situação actuais ainda não pudemos estabelecer, tinha uma torre de vigia. Em Belapur, mais a sul, existia o *fortim do Sabayo* sobre uma colina.

Este complexo sistema defensivo, que recorda casos como o de Elvas em Portugal ou Salvador no Brasil, demonstra a importância concedida a Taná, cidade de famosa e próspera produção de tecidos. Junto à cidade portuguesa existiam, aliás, várias aldeias de tecelões.

A cidade propriamente dita ficava junto ao porto, numa faixa de terreno semeada de lagos e lagoas por vezes inundados



na maré cheia. Uma ponte portuguesa atravessava o rio a noroeste. Existiam conventos e edifícios de franciscanos, jesuítas, agostinhos e várias igrejas paroquiais.

Bandra era a maior povoação católica depois de Taná. Fryer descreveu como grandiosas as instalações jesuítas que dominavam o aglomerado e toda a boca da enseada. Na margem, situavam-se o colégio e a igreja de Santa Ana, hoje desaparecidos, e um forte *de Aguada* guarnecido pelos próprios jesuítas. Os restos da fortificação ainda existem. No extremo sobre o mar está um baluarte baixo dedicado ao Nome de Deus com uma porta datada de 1646.

A igreja de Santa Ana tinha, de acordo com Burnell, um telhado muito alto e inclinado *resembling Westminster Abbey*. Devia ser, portanto, do género das igrejas ainda hoje existentes em Damão e da velha igreja de S. Pedro de Penelim em Goa, uma das mais antigas do território. Estes telhados norteiros de grande inclinação eram talvez mais vulgares na Índia portuguesa do que aquilo que se pensa, pois já em trabalhos anteriores o constatámos para todas as igrejas de Baçaim.

Sobre um monte sobranceiro ao forte e à costa, existia uma ermida de Nossa Senhora do Monte antecédida por um grande escadório de Via Sacra. A igreja foi completamente renovada no início do século XX mas o escadório ainda existe, provavelmente como era.

A igreja jesuíta, situada um pouco a norte da Senhora do Monte, tinha a invocação de Santo André e fora fundada em 1575. É hoje a conhecida St. Andrews de Bandra, centro da importante e influente comunidade católica local. No início do século XIX tinha a fachada virada ao mar e a poente. A nave única coberta de madeira e telhado era bastante mais curta que hoje. Em 1864, a igreja foi virada para a cidade que crescia e antecédida de um grande alpendre. Mais recentemente, o corpo do templo foi acrescentado e a fachada libertada do alpendre deixando agora ver uma composição retabular com elementos antigos e outros modernos. Lá dentro existem ainda dois altares e um púlpito de talha dourada do início do século XVIII.

Junto à igreja ergue-se uma extraordinária cruz de pedra que veio do cais do colégio de Santa Ana e constituía uma das mais conspícuas vistas de Bandra na cartografia antiga. Está decorada com as litanias da Virgem e os instrumentos da Paixão, como compete a uma cruz do colégio dedicado a Santa Ana, mãe de Nossa Senhora.

Agashi, a antiga Agaçaim, tem ainda hoje várias igrejas. No início do século XVIII era uma povoação respeitável com conventos de franciscanos e dominicanos e várias igrejas paroquiais. A igreja dedicada a Nossa Senhora dos Remédios esta já fora da povoação e era um santuário de grande fama em meados do século XIX sob o nome de *Remedi*.







Caranjá (Uran) foi conquistada pelos ingleses aos maratas em 1774 e ainda existia na altura a aldeia de Uran com uma igreja dominicana de Nossa Senhora do Rosário cá em baixo e outra, da invocação de Nossa Senhora da Penha, situada no alto de uma íngreme colina à qual conduzia um escadório talhado na rocha.

Caranjá era protegida por um fortim do lado sul da enseada, na aldeia de Maranjá, que não sabemos onde ficava exactamente.

Um dos episódios territoriais mais interessantes ocorridos na área de Baçaim é o da fundação pelos jesuítas da aldeia da Trindade. O fundador foi o padre Gonçalo Rodrigues SJ que, no processo, fez demolir um templo hindu com uma imagem da Trimurti — e daí a invocação da Santíssima Trindade. A aldeia situava-se a uns 20 km de Taná, perto do povoado de Vehar, e tinha em 1550 cerca de 3000 habitantes católicos. Ainda se podiam ver em 1870 os restos da igreja, do colégio e do orfanato.

O que a aldeia da Trindade tinha de muito especial é que as fontes jesuítas a descrevem exactamente nos mesmos termos que usam para caracterizar as «reduções» da Companhia na América do Sul: era uma aldeia comunitária. A ter existido nos termos descritos, a aldeia da Trindade foi a primeira experiência «comunitarista» posta em prática pelos Jesuítas e ajuda a demonstrar o carácter de domínio territorial em extensão e permanência que os portugueses buscaram impor na Província do Norte.

Para além das povoações, ficaram vestígios de um complexo sistema de fortes.

Aquele que tinha localização e aspecto mais pitorescos era provavelmente o da serra de Asserim. Dizemos provavelmente porque ainda não foi reconhecida esta famosa fortificação serrana que protegia um dos *passos* para a terra firme. Os sugestivos desenhos portugueses antigos mostram uma colina alta e abrupta de topo plano onde se vêem várias construções. Sabemos que existia uma povoação no alto e uma guarnição militar com um número significativo de portugueses, não havendo muitas obras de fortificação porque a natureza se encarregara disso ao tornar o sítio inexpugnável.

A descrição do franciscano de frei Paulo da Trindade, que esteve em Asserim, permite identificar com precisão a localização da serra: «quase no alto dela [há] uma paragem chamada *Selada*, por ser à maneira de sela de cavalgar, servindo-lhe de arções, do leste a mesma serra, e do oeste um pico que da selada se alevanta, chamado a serra de Santa Cruz, por estar uma no pico».

Os autores do presente artigo puderam, com esta descrição, ver e fotografar a serra de Asserim, situada longe de qualquer povoação e sem caminhos de acesso. Não houve ainda oportunidade, porém, de subir lá ao alto e verificar a existência de eventuais ruínas.

Em fevereiro de 1700 houve um ataque marata a Versová. Uma fonte portuguesa referiu então a existência de um forte. O que actualmente existe é uma construção impressionante que deve ter sido muito ampliada e modificada tanto pelos maratas como pelos ingleses. Os grandes baluartes redondos virados a norte que descem sobre o mar, hoje ocupados por instalações



militares indianas e, por isso, de visita e fotografia impossíveis, aparentam ser arquitectura ainda do século XVI. Uma carta do século XVIII mostra o forte como um vasto perímetro poligonal com uma grande torre circular.

A antiga aldeia de A-Ver-o-Mar, situada a norte da enseada de Versová, ainda existe como povoação de pescadores. Chama-se hoje Madh. A igreja de Nossa Senhora do Mar, renovada em 1907 com os habituais vãos de arco apontado, acolhe os *kolis* católicos. Num outeiro sobre a costa e bem dentro da aldeia estão as ruínas de um edifício alto de planta rectangular que apresenta os restos de dois baluartes de planta quadrada em cantos opostos do rectângulo, num misto de castelo e casa fortificada que pode bem ser o antigo convento franciscano fortificado de Arengal, construído em 1578.

Conta uma fonte do século XVIII que estava em construção nos anos de 1720 frente a Baçaim, na margem sul do rio, um pequeno fortim destinado a cruzar fogo com os baluartes da cidade. Ainda existem vestígios dessa pequena construção mas desapareceram os restos de dois muros paralelos que desciam até uma bateria no sopé da encosta, uma disposição igual à do famoso Morro de Chaul.

De acordo com a descrição de Fryer só havia um pequeno fortim em Mahim, a que ele chama *watch-house*. E o mesmo em Worli (Varóli). A cartografia portuguesa setecentista mostra estes dois pontos dotados de tranqueiras de planta rectangular ou quadrada. Mas Burnell referiu a existência em Worli de «*um forte comprido e irregular, com quatro ou cinco baluartes mas sem forma ordenada, construído com pedras grandes colocadas umas sobre as outras sem cimento ou cal excepto na ponta onde há uma grande rampa e parapeito*» (provavelmente sobre a enseada). O forte que hoje existe em Worli, muito degradado, deve ser inglês: trata-se de uma construção quadrada com quatro baluartes triangulares nos ângulos, a fortificação *well built* a que também se referiu Burnell. Ainda podemos ver frente ao forte uma larga área elevada que desce para a costa, talvez o terraço antigo.

O forte de Mahim está hoje completamente ocupado por um *shum* de Bombaim, em baixo, e um bairro de blocos de habitação em cima. Do mar vê-se ainda um comprido pano de muralha com baluartes poligonais. A porta principal ainda existe virada à praia. Tudo isto corresponde às obras que os ingleses levaram a cabo no forte entre 1701 e 1709 sob orientação do engenheiro John Vanduren — que mereceram, aliás, os protestos do governo de Goa temeroso pela sorte de Bandra, do outro lado da enseada. O forte anterior, português, foi descrito por Burnell como «*um edifício quadrado de dois andares e um pedaço de parapeito*».

Também o forte de Sewri, situado na costa oriental da península de Bombaim sobre a *Back Bay*, devia ser muito pequeno no tempo dos portugueses. Hoje, completamente abandonado à mata, às cobras e ao lixo de prédios vizinhos, apresenta obras inglesas. Numa das portas vê-se ainda o cronograma 1736, possivelmente inglês. Burnell refere a sua *pleasant situation*. De facto, o forte domina toda a baía de Bombaim vendo-se, do outro lado, Elefanta e Caranjá.

O forte de Sion (Siva, nos primeiros textos portugueses) protegia o lado norte do território próximo de Bombaim. As fontes cartográficas portuguesas mostram que o primeiro forte inglês se situava no sopé do monte e que o forte português era constituído por uma torre no alto do outeiro e uma bateria em baixo. Só subsiste a parte alta, muito modificada por obras recentes.

Frente à costa que serve Agashi estende-se um ilhéu comprido e baixo: é a Ilha das Vacas do tempo português, hoje Arnala. Ergue-se lá uma espectacular fortificação marata construída logo após a conquista da ilha aos portugueses em 1737, sob projecto do arquitecto Baji Tulaji. Os desenhos portugueses do final do século XVI mostram a existência de apenas uma torre circular de um tipo comum a muitas outras erguidas pelos portugueses na Índia. Poderá ser a torre que se ergue ainda solitariamente na ponta sul do ilhéu.

Estes fortes compunham com vários outros uma vasta rede de controle da costa do distrito de Baçaim. De norte para sul ao longo da costa oceânica, os portugueses controlavam a barra do Vaitarana com o forte da Ilha das Vacas, as tranqueiras de Aga-



Forte de Worli (Novembro de 1999).





çaim e outras fortificações menores. Na enseada de Baçaim — a barra do rio Ulhas —, situava-se a cidade capital encerrada na sua cintura de baluartes e construía-se o forte do morro na margem sul. Que saibamos, não havia qualquer fortificação na actual enseada de Manori, mais a sul. Já a de Malad (Madh)-Versová estava poderosamente fortificada, como vimos. Seguiam-se Bandra, Worli e Mahim e uma série de fortes e tranqueiras nas ilhas e ilhotas da *Back Bay*. Seguindo para norte ao longo desta baía, os fortes de Bombaim e Mazagaon protegiam povoações junto à costa. Depois vinham Sewri, Sion e o complexo de fortificações que protegiam a chegada a Taná, que era, com Baçaim, a única cidade dentro de baluartes. Do lado leste da *Back Bay*, estavam fortificadas as costas de Bellapur e Caranjá.

Os fortes protegiam a costa e o interior. No perímetro por eles definido situava-se a rede de aldeias, vilas e caminhos.

A ilha de Colaba, no extremo sul, seria puramente rural não tendo mais que algumas casas. A povoação de Bombaim, pelo contrário, estendia-se do forte ao longo do caminho que conduzia a Mahim passando por Mazagaon. É provável que arrancassem deste último povoado um caminho para Cavel (*Bombay Central*, hoje em dia) — que depois inflectia para norte e Worli —, e um outro passando por Sewri e Sion rumo a Taná.

Do outro lado da enseada frente a Mahim, Bandra centralizava a rede de caminhos e aldeias de Salsete, território em grande medida jesuíta. A estrada principal devia seguir mais ou menos a direcção da actual *highway* que liga Bandra a Bhayender e passa aí o Ulhas. Outras corriam mais perto da costa e mais no interior.

As crónicas portuguesas referem cerca de 60 aldeias e mais de 20 igrejas só em Salsete. Povoações como Baçaim, Taná, Bandra, Bombaim e Mazagaon atingiam já dimensão apreciável. Tudo indica, portanto, que o território estava densamente ocupado.

O cadastro das propriedades constituía a matriz territorial. O sistema de *prazos* através do qual se explorava o território, provinha possivelmente do que se praticava no sítio no período ante-

rior à conquista portuguesa, confluindo assim o regime senhorial indo-muçulmano e o português. Com o vice-rei D. João de Castro (1545-48), ter-se-á operado a entrega generalizada de *prazos* a portugueses e brâmanes de Goa que mereceu o protesto do compilador do «Tombo da Índia», Simão Botelho, em 1554. É possível que a escrita do cadastro tenha correspondido a uma reorganização do sistema fundiário para registo das fontes de proveitos da Coroa portuguesa.

Deste modo, o território que caiu, a sul, nas mãos dos ingleses e, a norte, nas dos maratas, era um território ordenado e organizado. Os seus pontos costeiros mais importantes estavam definidos pela geografia e as fortificações, as suas rotas principais estavam traçadas no terreno, os seus aglomerados populacionais podiam crescer e unificar-se em mancha metropolitana, como veio a suceder no século XIX.

Mas que sucedeu efectivamente no século XIX?

Terão desaparecido as comunidades católicas e, com elas, os vestígios materiais e territoriais da presença portuguesa?

Tudo leva a crer que não.

### *East Indians, Norteiros e Goeses*

De facto, é possível compilar desde já várias notícias históricas que, em conjunto, parecem indicar que as comunidades católicas não foram riscadas do mapa da área de Bombaim apesar de terem entrado em evidente decadência demográfica e económica depois das conquistas inglesa e marata.

É interessante, por exemplo, a notícia dada por Anquetil du Perron quando esteve em Taná depois da conquista marata, cerca de 1760, e ficou surpreendido com o facto de os hindus terem permitido a existência pacífica da comunidade católica e do culto público. Segundo ele, todos os europeus, tanto padres como leigos, haviam partido para Goa, mas ficaram sacerdotes indianos.

Quando se realizou uma visita do Bispo de Goa à cidade em 1825 (quase cem anos depois da conquista marata), esta ainda era habitada maioritariamente por católicos que eram, nas pala-



bras de Gerson da Cunha citando o relatório da visitação, *either converted Hindoos or Portuguese who have become as black as the natives and assumed all their habits*, opinião característica de gente de casta alta perante *kolis* e mestiços, aliás reforçada por Cunha que, em nota, acrescentou: *os mestiços são ainda mais pretos que os hindus de casta baixa. Em hábitos, um pariah é muito menos repugnante que um mestiço português...* Trabalhos de carácter etnológico realizados acerca destas comunidades no início do século XX mostram que os católicos do norte tinham sido profundamente tocados por hábitos matrimoniais e alimentares hindus, o que naturalmente era condição mais que suficiente para serem desprezados por católicos de casta alta.

As comunidades católicas do norte eram conhecidas pelos goeses sob a designação de *norteiros* ou, paradoxalmente, *East-Indians* por viverem sob domínio da Companhia inglesa da Índias Orientais.

Em 1828, foi construída a igreja de S. José de Colaba e o seu primeiro prior foi Kottineau de Klogen, autor de um importante e muito conhecido *Historical Sketch of Goa*. Kottineau referiu que havia antes no sítio um pequeno oratório de Agostinhos que servia *os portugueses de Colaba*, ou seja, provavelmente a comunidade católica local (mais tarde, o conde de Torres Novas, governador geral do Estado da Índia entre 1855 e 1865, fez nesse oratório um albergue para oficiais portugueses em viagem para a

Europa. O edifício foi depois a residência do bispo de Damão quando vinha a Bombaim).

Os viajantes e curiosos de Oitocentos apreciavam bastante na área de Bombaim os dois complexos de templos budistas e hindus escavados na rocha: Kanheri, o maior, e Painsar ou Mount Painsur (Mandapeshwar), perto da aldeia de Goray. Como se sabe, estes templos haviam sido transformados em igrejas pelos franciscanos. No século XIX, Kanheri estava abandonada há muito. Mas em 1800 ainda existiam os restos da enorme igreja franciscana de Nossa Senhora da Piedade construída sobre a colina de Mandapeshwar. Havia pedaços de altares de talha por todos os lados. Em 1850, os católicos das vizinhanças ainda frequentavam uma capela improvisada dentro de uma das grutas e existe um fotografia desse altar feita no início do século XX!

A manutenção do catolicismo nos territórios do Norte sob domínio marata ou inglês parece ter-se devido no essencial aos padres formados no seminário de Goa, que nunca cessaram de acompanhar as populações norteiras.

Em 1886, o estado português e a Santa Sé assinaram a primeira Concordata entre eles — destinada precisamente a dirimir um grave conflito que se vinha avolumando um pouco por toda a Índia mas essencialmente na antiga Província do Norte:

Cinquenta anos antes, em 1836, a bula *Multa Preclare* do papa Gregório XVI ordenara a passagem das dioceses do Norte



Rua da aldeia de Dongri (Novembro de 1999).



para os Vigários Apostólicos dependentes directamente da Santa Sé através da *Propaganda Fide*. Deste modo, procurava-se pôr fim ao Padroado português naquela região da Índia, resolvendo em favor de Roma uma rivalidade *Propaganda*-Padroado que provinha do século XVI. A Santa Sé assumia que a região não estava de facto sob controle português.

A decisão papal, longe de resolver qualquer problema, agravou-os a todos. Aparentemente estava a operar-se uma decisiva alteração da composição étnica e sociológica das populações católicas da área de Bombaim: estas comunidades estavam a ser renovadas com a chegada em massa de emigrantes goeses, dirigidos provavelmente por gente de casta alta.

Os autores do presente artigo estão ainda longe de poder afirmar todas estas coisas com certeza. Mas suspeitam de que, por detrás do violento conflito, às vezes atingindo o nível dos confrontos físicos, que opôs católicos entre si na área de Bombaim durante os 50 anos que decorreram entre 1836 e 1886, esteve a recusa dos católicos goeses e dos católicos norteiros de castas mais altas em aceitarem ser orientados por padres não dependentes de Goa.

A Concordata assinada em Roma pelo representante do papa Leão XIII e o embaixador extraordinário do rei D. Luís estabeleceu a paz ao criar duas novas dioceses: a de Bombaim, dependente da *Propaganda*, e a de Damão, ligada ao Padroado. Englobada na primeira ficou a metrópole em crescimento de Bombaim. Na de Damão, todos os outros antigos territórios da Província do Norte. A Coroa de Portugal, que, recorde-se, já não dominava o Norte há pelo menos um século e meio, comprometeu-se a apoiar as novas dioceses. E foi um português o primeiro bispo a tomar conta da Sé de Bombaim: D. António Pedro da Costa, natural de Santarém, vindo directamente de Lisboa no início de 1887!

D. António tomou posse do bispado na mais antiga igreja ainda existente na sua forma originária em Bombaim: Nossa Senhora da Glória de Mazagaon (igreja franciscana construída em pedra em 1596 e reparada em 1810). Fora re-consagrada pelo arcebispo de Goa em 1844. Uma fotografia de cerca de 1920 mostra que mantinha neste ano a sua forma quinhentista. Foi demolida pouco depois porque as suas funções tinham passado para a grande igreja neogótica com torre-galilé que se ergue hoje em Byculla, construída em 1913 com as contribuições da rica comunidade goesa.

Paradoxalmente, uma das primeiras decisões que foi obrigado a tomar o novo bispo de Bombaim, D. António, foi isentar os goeses que habitavam na cidade de Bombaim de lhe obedecerem, passando-os para a diocese de Damão. Só esta decisão estabeleceu finalmente a paz entre católicos.

Eram mais de 45 000, no início do século XX, os católicos da cidade de Bombaim. 25 000 haviam escolhido ficar na dependência do bispo de Damão. Havia outros tantos em Bandra, Taná, Vasai. Os católicos eram uma próspera comunidade de massa na área de Bombaim e o influxo de sangue goês foi provavelmente o factor singular mais importante tanto da renovação desta comunidade como da densificação das antigas aldeias católicas que, na segunda metade do século XIX, se tornaram os bairros principais da grande metrópole.

Gerson da Cunha contou a história da aldeia de Cavel (hoje um bairro no centro de Bombaim), que era um povoado maioritariamente católico «com as suas moradias antecedidas por cruzeiros e alegres jardimzinhos». A população, segundo ele, provinha em boa medida de emigrantes católicos vindos da área de Baçaim e de Goa, que se vieram juntar a *kolis* autóctones convertidos há muito. Havia duas igrejas (Nossa Senhora da Esperança e Nossa Senhora da Saúde), a primeira do Padroado, a segunda da

*Propaganda Fide*, e um cemitério. Tudo isto desapareceu na década de 1870 com a chegada de novos emigrantes endinheirados, hindus, que fizeram construir um bairro moderno de prédios de apartamentos.

Notícias dos anos de 1880 referentes a Taná afirmam que as aldeias e bairros católicos da cidade e arredores haviam experimentado grandes melhorias desde a década de 1830. É provável que tal se tenha devido à emigração goesa.

A nenhum visitante da Bombaim tardo-setecentista ou oitocentista escapava o singular contraste entre os bairros católicos e os de outras comunidades. De acordo com uma fonte do final do século XIX, a primeira preocupação dos goeses recém-chegados à área de Bombaim era a construção de uma capela ou igreja, ou a renovação das existentes. Depois, erguiam casas de sobrado e varandas, com jardim e cruz, alinhadas ao longo de ruas. Tudo tinha um aspecto limpo e ordenado. Ainda hoje os intelectuais e técnicos que travam uma batalha desesperada pelo património urbanístico de Bombaim, procuram preservar os dois ou três bairros da cidade que mantêm aquilo a que chamam um aspecto tradicional: trata-se de bairros católicos que constantemente recordam Goa ou Damão.

E não só na cidade: no caminho entre a costa e Bhayender, na margem sul do rio de Baçaim, a aldeia de Dongri (Dongorim) apresenta um sector caracteristicamente católico, com ruas direitas e casas de sobrado com alpendre, varanda e jardim. A igreja jesuíta de Nossa Senhora de Belém, renovada em época de gosto neo-gótico e antecedida por um cemitério a uso desde o início do século XIX, volta a sua fachada ao rio. Em paisagem de praia e coqueiros, julgamo-nos em Goa.

Existem ainda inúmeras aldeias de pescadores destas ao longo da costa da *Greater Mumbai* configurando, em conjunto com os bairros «tradicionais» de Bombaim, os vestígios mais evidentes do distrito de Baçaim da antiga Província do Norte portuguesa.

Terão sido núcleos desse tipo que, associados a alguns dos que aqui sumariamente foram caracterizados, cresceram ao ponto de, por aglutinação, terem proporcionado a explosão em extensão urbana de Bombaim na segunda metade do século XIX. É uma hipótese de trabalho no sentido de explicar aquilo que tem parecido estranho àqueles que se têm dedicado ao estudo do desenvolvimento urbanístico daquela grande metrópole asiática. Como bombaftas de marcada formação britânica, têm-no feito de dentro do velho *fort* para fora sem ensaiarem a simultânea visão de sentido inverso que compete a um olhar português.

É pois importante continuar o reconhecimento, o mais possível completo, do fulcro do 1º território português (e europeu) fora da Europa e a investigação historiográfica sobre o seu processo de constituição e decadência enquanto tal.

O presente artigo destina-se a tornar públicos os primeiros resultados da investigação sobre o território de Bombaim no tempo dos portugueses que os autores estão a levar a cabo e que em breve virá a integrar uma equipa multi-disciplinar portuguesa-indiana. A investigação deverá culminar na publicação de um livro e, neste sentido, pareceu não ser necessário adiantar já referências documentais e bibliográficas. Os leitores podem consultar uma bibliografia actualizada sobre o tema em: Walter Rossa, «Baçaim — sete alegações para uma aproximação ao espaço físico» in catálogo da exposição *Os espaços de um Império*, vol. I (*Estudos*), CNCDP, 1999.

A primeira fase da investigação foi generosamente patrocinada pela Fundação Oriente e também pela Fundação Calouste Gulbenkian. Os autores agradecem ainda as facilidades concedidas pelo Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, onde leccionam.

